# UMA ANÁLISE DO ENSINO DO CONCEITO DE PAISAGEM NO AMBIENTE ESCOLAR A PARTIR DA IMPLANTAÇÃO DO ARCO METROPOLITANO NO BAIRRO BRISAMAR CIDADE DE ITAGUAÍ

*Suellen Romeiro da Silva Borges Mello*

**Resumo**: Essa pesquisa tem o objetivo de investigar como o conceito de paisagem pode ser trabalhado no ensino da Geografia, procurando analisar possíveis erros existentes. Busca-se metodologias que visem estimular o aluno analisar e compreender os tipos de paisagem. Espera-se que o aluno compreenda seu papel crítico sobre a sociedade através do ensino da Geografia, identificando a história e as mudanças do meio em que vive. Para isso, O auxilio na compreensão da mudança da paisagem no bairro de Brisamar na cidade de Itaguaí, por parte da escola, educador e aluno. Compreendendo e identificando alterações ambientais e investimentos para o aumento de desenvolvimento do capital do Estado do Rio de Janeiro.A pesquisa foi realizada em uma escola do bairro, com a participação de professores e a direção.

**Palavras- chave**: Paisagem, Arco Metropolitano, Ensino de Geografia.

**Abstract**: This research aims to investigate how the concept of landscape can be worked in the teaching of Geography, trying to analyze possible errors exist, seeking ways of teaching and understanding not only described in textbooks so that students can identify, analyze and understand types paisagem. Search sure that the student understands their critical role on society through the teaching of geography, history and identifying the changes in the environment they live in. The aid in the understanding of landscape change in the Brisamar district, by school, teacher and student. Understanding and identifying environmental changes and investments to increase the development of the state capital of Rio de Janeiro.

**Keywords:** Landscape, Metropolitan Arch, School of Geography.

---

## Introdução:

As modificações da paisagem retratam um aspecto importante para o ambiente escolar, pois o aluno precisa aprender a observar o meio no qual está inserido e as modificações que acontecem nesse meio ao longo dos anos. Ao observar o seu meio e as modificações que nele acontecem o aluno desenvolverá o entendimento de quais os pontos positivos e negativos as modificações na paisagem trouxeram para o local, passando também a compreender as modificações visuais, políticas, econômicas e ambientais do local.

Segundo SOUZA (2013,43p.) no âmbito da pesquisa sócio – espacial, o conceito de paisagem tem, tradicionalmente, um escopo ligado primordialmente ao espaço abarcado pela visão de um observador.

A paisagem é uma forma, uma aparência. Um exemplo citado pelo autor é de uma paisagem aparentemente "bucólica", dominada pelo verde de matas residuais ou mesmo pastos com algumas cabeças de gado, em uma franja rural – urbana, pode parecer que estamos em presença de um espaço rural. O pasto pode retratar um verniz de ruralidade para justificar o pagamento de Imposto Territorial Rural (ITR), muito mais barato que o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). Já as cabeças de gado podem retratar terrenos mantidos como reserva de valor, objeto de especulação.

> Quando geógrafos e outros cientistas sociais de orientação semelhante concluem que a paisagem, como um tipo de representação visual, mistifica,torna opaca, distorce oculta, oblitera a realidade (WYLIE, 2007:69), e que, às vezes torna a paisagem parecer um cenário para a vida de seus habitantes que uma cortina atrás da qual as suas lutas, realizações e acidentes têm lugar (BERGER apud WYLIE, 2007:69).

A paisagem contém uma interrogação sobre o que se pode revelar ou até mesmo ocultar. Uma observação muito ampla pode ser considerada algo superficial, sendo preciso ir além do que inicialmente é observado. É preciso tentar decifrá-la em mínimos detalhes, fazendo as relações sobre sua existência entre forma e conteúdo, aparência e essência do observado.

De acordo com o autor SOUZA (2013,49 p.), é preciso ter cautela na observação da paisagem fotográfica e por meio de uma pintura, pois poderá expressar uma forma de paisagem e os usos e interesses, podendo também escondê-los.

A observação da paisagem poderá ocorrer entre a união natureza e sociedade, rural e urbano, ou entre o natural e o artificial (paisagens modificadas). Há, segundo o autor, estratégias de "invisibilidade" de agentes e práticas que poderão realizar seleção ou retocar a paisagem de forma que alcance a análise que se deseja realizar.

A paisagem para a pesquisa sócio – espacial tem por objetivo estudar o quanto esta poderá impactar, tocar e o modo de socialização da mesma. Do qual um indivíduo poderá ser impactado ao observar paisagem que retratem uma realidade social inferior ao que ele vive e qualificar a paisagem como "feia", "perigosa", "triste". Já no caso de uma paisagem de posição social superior ao meio que o indivíduo vive poderá trazer a qualificação do observado com sendo melhor do que o indivíduo possui, sendo este "belo", "seguro",

"cultural". Posso citar como exemplo um jovem que vive em um condomínio de luxo e observa uma paisagem de uma comunidade e tenta formar a opinião da paisagem observada sendo influenciado pelo meio do qual vive.

O desejo do consumo pode ser despertado conforme comentários do autor através de mensagens subliminar, onde uma paisagem poderá ser representada com a intenção de despertar o desejo de consumir, de obter o produto.

A revista Nova Escola em seu texto representação da paisagem, diz que é necessário observar uma paisagem para que se possa enxergar suas características e pensar sobre sua existência.

Sendo essas formas de observação:

- De Frente: uma aquarela, pintura ou fotografia (visão frontal, horizontal);
- Panorâmica: um bloco diagrama, uma fotografia panorâmica (visão oblíqua);
- Voo de pássaro: uma fotografia aérea, uma imagem de satélite, um mapa (visão vertical);
- Cinemática: um filme que traga uma paisagem em movimento.

A pesquisa foi motivada pela questão das modificações da paisagem, mais precisamente no bairro de Brisamar na cidade de Itaguaí no Estado do Rio de Janeiro, devido alterações muito grandes na paisagem dessa localidade com a construção do Arco Metropolitano. Acredita-se que as unidades escolares em torno dessa região não têm trabalhado essa modificação da paisagem. Será que os alunos já conseguiram refletir que está ocorrendo a mudança? Será que surgem perguntas a respeito dessa modificação realizada aos pais? Como será que a escola tem respondido aos questionamentos dos alunos? Ou será que os alunos nem sabem o que está ocorrendo?

Essas séries de questionamentos motivaram o objeto de pesquisa desse projeto:

Qual o conceito de paisagem?

Como ensinar modificações da paisagem em um dos bairros onde está sendo construído o Arco Metropolitano?

Com esta pesquisa pretende-se alcançar uma forma de compreender e trabalhar a mudança na paisagem, em sala de aula, e como os alunos podem ter uma melhor compreensão

e apreensão e uso no cotidiano. Iniciando uma abordagem sobre o Arco Metropolitano que originou a modificação do ambiente.

Descobrir modos de levar a abordagem da modificação da paisagem local, (esta sendo modificada pelo Arco Metropolitano) para o ambiente escolar.

> Todos os que se iniciam no conhecimento das ciências da natureza – mais cedo ou mais tarde, por um caminho ou por outro – atingem a ideia de que a paisagem é sempre uma herança. Na verdade ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdam como território de atuação de suas comunidades (Ab' Sáber, 2003, p.9).

.

Segundo SANTOS (1988,p.22), a paisagem pode tomar escalas diferentes e assomando-se diversamente aos olhos, ampliando-se quanto mais se sobe em altura, porque desse modo desaparecem ou se atenuam obstáculos à visão onde a dimensão de paisagem será a dimensão da percepção. Já houve tempos em que se acreditava que a geografia teria como objeto de estudo a paisagem, tempos esses que se acreditava que a paisagem deveria ser entendida como sinônimo de Região. Essa ideia permaneceu na Geografia Europeia até o final do século passado.

De acordo com o autor, a paisagem poderá ser reconhecida de forma natural e de forma artificial, onde a natural consiste naquela do qual ainda não foi modificada pelo homem, já a paisagem artificial é aquela que sofreu transformações realizadas pelo homem. No passado havia grande facilidade de encontrar uma paisagem natural, enquanto nos dias atuais essa paisagem praticamente não existe mais, pois a ideia que há é que se uma paisagem não foi modificada pelo homem há grande motivo para preocupação e torna-se objeto de intenções econômicas ou políticas. A paisagem é considerada um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais, sendo considerada formada por frações de ambas as partes. Quanto mais complexa poderá ser a vida no âmbito social, maior será o distanciamento do mundo natural, ou seja, da paisagem natural, partindo cada vez mais em direção a um mundo a cada dia mais artificial. Como exemplo o autor cita as grandes cidades como São Paulo, Nova York, do qual se torna cada dia mais difícil identificar o que seria natural e o que seria artificial devido tantas modificações ocorridas e maior evolução social. Há uma grande relação entre os instrumentos de trabalho e a paisagem, onde parte dos instrumentos não são

materiais, mas que são considerados elementos extremamente necessários para a ocorrência da produção. No passado os instrumentos de trabalho eram considerados como prolongamentos do homem, mas como o passar do tempo esses instrumentos tornam-se instrumentos da terra, próteses ou acréscimos da natureza, duráveis ou não. Os instrumentos de trabalho imóveis predominam sobre os instrumentos móveis. Como exemplo podemos citar uma estrada que é um acréscimo da natureza, do qual sem essa evolução do natural sobre o artificial seria considerado quase impossível à ocorrência dos meios de produção.

É preciso compreender a relação entre a paisagem e a produção, pois se acredita que é este o principal objetivo para uma paisagem sofrer alterações.

De acordo com o autor Milton Santos, estando os instrumentos de trabalho ligados diretamente aos meios de produção, também estariam ligados à circulação, distribuição e consumo. Onde ocorre uma organização da paisagem de acordo com os níveis destes, variando de acordo com a exigência da produção, circulação do capital e a necessidade dos avanços tecnológicos. Por essa razão a paisagem urbana é mais heterogênea, já que a cidade compreende vários tipos de níveis de produção. Uma paisagem não é escrita de uma única vez, uma paisagem vai surgindo sobre a outra, gerando um acúmulo de lembranças e heranças de uma determinada paisagem. Uma paisagem gera sempre lembranças do seu processo inicial, até o momento em que se vive. Se uma paisagem produz diversos momentos, assim surge a anarquia das cidades capitalistas, onde se mantém elementos de diferentes idades, respondendo diferentemente as demandas sociais. O que pode se considerar uma desordem é considerado apenas uma ordem do possível já que nada é desordenado. A paisagem é considerada uma herança de muitos momentos já passados, sendo a paisagem objeto de mudanças. É considerada uma espécie de marca histórica do trabalho, das técnicas, sendo parcialmente morta, já que sua formação provém de objetos naturais e artificiais, onde a natureza artificial é resultado de trabalho vivo, sobre trabalho morto.

As mudanças da paisagem podem ser consideradas estruturais ou funcionais. Paisagem funcional é aquela em que é possível contemplar diversas paisagens graças ao seu funcionalismo, como exemplo podemos citar uma praça que funciona de diferentes modos de acordo com os dias, de acordo com as horas dos dias, com as épocas do ano. Já a mudança estrutural da paisagem é quando as formas do local sofrem transformações, um exemplo citado pelo autor é que quando se é construído um prédio de quarenta andares no lugar de um de vinte andares, é sinal de que outros poderão ser construídos e de que existe atividade naquele local e gente para enchê-los e justificar a sua construção.

## 1. Conceito de paisagem

> [...] tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista alcança. Não é apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, atores, sons, etc.(SANTOS, 1988, p.21).

A ideia de paisagem está presente desde a Antiguidade, principalmente na pintura e na arte, a incorporação deste conceito nos estudos acadêmicos é uma criação da modernidade. Sendo assim, a paisagem traz consigo o seu termo de forma pouco usada e imprecisa e, por esse motivo, cômoda, que cada um utiliza a seu bel prazer, podendo assim surgir formas de alteração do seu sentido.

No senso comum das pessoas, o termo "paisagens" sugere duas maneiras distintas para que se construa sua noção como um mosaico ou mais ou menos ordenado de formas e cores.

A paisagem é dotada de uma grande dinâmica onde todos os elementos que compõem essa dinâmica podem ser objetos de estudos, tanto em conjunto como isolados.

Na ciência, a concepção de paisagem tem se diferenciado no tempo, tais como as associações desta com os termos: país, lugar, unidade territorial, porção da superfície da terra firme, etc. No limiar de sua elaboração como referencial de expressões artísticas e de análise das relações entre sociedade e natureza, duas construções lógicas são apresentadas na sua definição:

a. Como imagem que representa a vista de um recorte espacial. Nesse sentido a paisagem seria a soma de muitos olhares e não só de um ponto de vista, como no caso do artista que a produziu;

b. Como porção da superfície terrestre, em seu conjunto, sendo o produto de uma área modificada pelas forças geológicas / geomorfológicas, com significado objetivo, na busca de compreender a origem da forma, da estrutura e da funcionalidade associada a um número específico de elementos da natureza.

A partir do século XIX, quando a Geografia constrói seu referencial como ciência, a paisagem é concebida como o conjunto das formas que caracterizam um determinado setor da superfície terrestre. Os geógrafos passam a analisar os elementos que compõem a paisagem,

em função da sua forma e magnitude e, assim, obter uma classificação das paisagens. É fundamental que a paisagem seja considerada como o conjunto dos elementos da natureza capazes de serem observados a partir de um ponto de referência. Na leitura da paisagem é possível definir as formas resultantes da associação do ser humano como os demais elementos da natureza.

Os questionamentos e as dúvidas dessa maneira de conceber a paisagem surgem em relação a ser tratar as heterogeneidades e homogeneidades em relação à escala e pela complexidade de formas da superfície terrestre.

Na segunda metade do século XX, inicia-se a problemática da degradação e da conservação da natureza que focalizavam as relações da natureza com a sociedade humana. Nessa perspectiva, os estudos da paisagem crescem com os surgimentos de novas formulações vindas da Ecologia. Nesse período é que são formulados os conceitos de sistema – Conjunto formado por indivíduos de várias espécies e ecossistemas - Sistema formado por organismos vivos, com um determinado nível de organização. As contribuições postuladas por Geógrafos e ecólogos buscam conceber os níveis de organização de partes e de todo da superfície terrestre, por consequência , as ideias de integração e totalidade dos elementos da natureza e a sua inter – relação com as dinâmicas da sociedade humana.

Quanto ao método de análise da paisagem podem-se adotar três possibilidades de encaminhamento: a descritiva, a sistêmica e a perceptiva (Berque, 1995; Bertrand, 1995; Fontoura e *et. al.* ;Verdum e *et. al.*).

Paisagem descritiva tem como base a descrição, e para a apreensão da paisagem seriam necessárias formas. Nesse modo a análise geográfica sofreria restrição aos aspectos visíveis do real, essencialmente a morfologia da paisagem.

Paisagem sistêmica tem como base o estudo da combinação dos elementos físicos, biológicos e sociais, um conjunto geográfico indissociável uma interface entre o natural e o social, tornando-se uma análise com várias dimensões. Separam-se elementos que compõem a constituição das diferentes características espaciais ,psicológicas,econômicas, ecológicas,entre outras.Porém não permitem dominar o conjunto.A complexidade da paisagem é o tempo morfológico, constitucional e a funcionalidade que não podem ser reduzidas em partes.

Paisagem perceptiva é concebida como marca e como matriz, onde como marca pode e deve ser descritiva e inventariada. Onde o foco principal é na percepção da paisagem.

A paisagem é matriz, porque participa de esquemas de percepção, de concepção e de ação, que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço x natureza. Podendo se dizer que a paisagem é o concreto, a coisa real, mas ao mesmo tempo também pode ser a imaginação, a representação dessas coisas, as imagens.

Para a compreensão de diversas Unidades de paisagens (UPs), Verdum e *et. al.(*2012) pressupõe a concepção de poder caracterizar este espaço pela utilização de um referencial que possa auxiliar nas diferentes compreensões. Para a análise das Unidades de paisagens, são considerados quatro critérios: a forma, a função, a estrutura e a dinâmica.

- Forma: É o aspecto visível de uma determinada paisagem. Onde pode ser reconhecidos em campo, pelos registros fotográficos e pelo uso de produtos do sensoriamento remoto;
- Função: São atividades que foram ou estão sendo desenvolvidas e que estão materializadas nas formas criadas socialmente como, por exemplo, espaços construídos, atividades mineradoras e também podem ser identificadas em campo ou por produtos de sensoriamento remoto;
- Estrutura: É um critério que não pode ser dissociado da forma e da função, pois é ela que revela valores e funções do determinado objeto observado, que foi concebido em um determinado momento histórico.
- Dinâmica: É a ação contínua que se desenvolve gerando diferença entre as Unidades de paisagens, no que se refere aos resultados dessas dinâmicas, no tempo, na sua continuidade e na sua mudança. O tempo sendo ele geológico ou histórico revela o movimento do passado ao presente e este em direção ao futuro dessa paisagem.

Com o objetivo do alcance da leitura da paisagem propõe-se a metodologia a partir de dois níveis de análise:

- Da observação e diferenciação da paisagem;

- Da escala temporal.

Em relação à direfenciação e ao nível de observação da paisagem, podemos considerar que a paisagem pode ser observada de forma individual ou coletiva. Seus modos de observação e diferenciação estão de acordo com suas estruturas e formas e são diferenciados pelos elementos distintos da paisagem como o relevo, a cobertura vegetal, entre outros.

A apropriação e o uso da paisagem podem ser observados de acordo com as transformações ocorridas pelo trabalho e possíveis técnicas utilizadas, sendo assim a paisagem também considerada como produto social. Onde são identificados os padrões paisagísticos locais e suas identidades.

Em relação ao nível de escala temporal, posso dizer que são considerados dois fatores: O fator histórico e o fator geológico.

## 2. A Paisagem na Geografia

Na maioria das vezes tende-se a considerar que paisagem é tudo que a visão alcança, ou seja, o que se vê, sem propriamente se pensar o quais são os fatores e objetos que compõe essa paisagem. Ao observar os elementos que compõe a paisagem, esses podem determinar a existência de uma ou mais paisagens.

Na Geografia, Humboldt foi o primeiro a estudar a estrutura terrestre em suas viagens. Ele entendia que o geógrafo deveria contemplar a paisagem de forma estética, de forma a causar impressão no observador. Levou a concepção que propiciou perceber e compreender as paisagens diferenciadas dos lugares e dos povos como fenômenos específicos, sendo estas merecedoras de descrição análise e explicação. Outros pensadores clássicos do século XVIII e início do século XIX, juntamente com Humboldt foram Ritter e Ratzel, dos quais tiveram suas participações significativas na abordagem do conhecimento da natureza.

A paisagem em si apresenta características próprias, suas formas e marcas que pode se considerar resultado da interação da social x natureza. A primeira aproximação com a realidade é a visão fisionômica, que é classificada como aparência. cada aparência da paisagem sofrerá variação de acordo com as condições do local, sua economia, seus aspectos culturais para que se permita uma determinada organização e funcionalidade.

Sauer no século XX definiu a paisagem como o conjunto de formas naturais e culturais associadas, além de entender que os objetos existem juntos na paisagem, formando "um todo": aspectos físicos e culturais a um só tempo. Sendo a área ou a paisagem é o campo da Geografia, porque é uma importante seção da realidade ingenuamente perceptível, e não uma ideia sofisticada. Não poderia ser feita uma cena individual, mas sim um conjunto de

características. Considerando a paisagem uma forma de Terra, dos quais os processos de modelagem são considerados físicos e culturais ao mesmo tempo.

A Geografia assume responsabilidade pelo estudo de áreas porque existe a curiosidade comum a cerca desse assunto. (Corrêa e Rosendahl, 1998, p.15). Já a Geografia tradicional, entretanto, deu ênfase maior â descrição de áreas com observações frequentes sobre a inter-relação de fatos ocorridos em uma determinada área.

No meio do século XIX, o geógrafo alemão Carl Troll entendeu que a Geografia encontrou na paisagem, um próprio objeto e que deveria ser vista como a unidade orgânica.

Berque, no livro de Corrêa e Rosendahl, (1998), traz a reflexão da paisagem como uma marca, sendo a paisagem descritiva e inventariada, dos quais dispões de numerosos instrumentos metodológicos. Um exemplo é a semiótica dos lugares, onde o ponto de partida continua sendo a descrição da paisagem enquanto perceptível, mas a explicação ultrapassa o campo do percebido,seja pela abstração,seja pela mudança de escala no espaço ou no tempo. A paisagem também pode ser considerada como uma matriz, porque tem participação dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, que canalizam, de certa forma, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza.

## 3. A construção do Arco Metropolitano - Rio de Janeiro BR – 493/ RJ – 109

O projeto do estudo de construção do Arco Metropolitano esteve em estudo desde a década de 70, desde esse período até sua construção e entrega, o projeto sofreu inúmeras modificações com o objetivo de aperfeiçoar a estrutura viária do Rio de Janeiro.

Em 2007, foi classificado pelo Governo Federal o programa de Aceleração do Crescimento (PAC), do qual houve a interligação entre a BR – 101/ NORTE e a BR- 101/ SUL como total prioridade em sua obra para o desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro.

Em acordo com o DNIT – Departamento Nacional de Infra – Estrutura de Transportes, e o DER – Departamento de Estradas e Rodagem, a implantação do arco passou a se tornar responsabilidade do Governo do Estado do Rio de Janeiro e do DER. Com o acordo firmado houve a nomeação da rodovia como Arco Metropolitano, associando a RJ – 109 à BR – 493.

O objetivo do Arco Metropolitano é criar conexão entre a BR- 101 / Norte e Sul, sem causar impacto na malha rodoviária do trânsito pelas vias urbanas da Região Metropolitana.

Os pontos mais críticos de cruzamento do Arco Metropolitano de área urbana são: Figueira (Duque de Caxias), Fontes Limpas e Águas Limpas (Seropédica), Engenheiro Pedreira (Japeri), Santa Rita, Vila de Cava e Miguel Couto (Nova Iguaçu) e Brisa Mar (Itaguaí).

Os estudos do arco consideram onde a rodovia foi implantada como local de zona de expansão urbana, com forte pressão de ocupação e tendências de crescimento urbano. Por tanto definiram ações de ordenamento territorial, reestruturação de acessos, realocação de população, indenizações e ações de paisagismo e ordenamento físico dos espaços atravessados.

Com a necessidade do rápido acesso do complexo Petroquímico do Rio de Janeiro ao Porto de Itaguaí, houve necessidade da construção rápida do Arco Metropolitano. Com licitação das obras em 2007, incluídas suas necessidades no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), dos quais com a complementação desse projeto houve também a duplicação da BR – 101 entre as cidades do Rio de Janeiro e Mangaratiba com o objetivo do rápido e acelerado escoamento para o Porto de Itaguaí.

Assim como na Rodovia Presidente Dutra, serão definidas no arco áreas de uso industrial e logístico, com o objetivo de diminuir os custos com exportação de várias indústrias no Estado, pois segundo o relatório do TESOURO NACIONAL em 2005, os custos logísticos industriais representam cerca de 60% do valor total do produto, fazendo com que se perca a lucratividade.

Segundo estudo da FIRJAN em 2008, informar que o projeto do Arco Metropolitano causará ao Porto de Itaguaí um aumento grandioso na competitividade na movimentação de soja e granéis líquidos, podendo chegar ao número de 500 mil toneladas em fluxos rodoviários futuros. Os municípios em torno do arco terão redução dos custos de transporte entre 15% a 20% no acesso a Itaguaí.

Mesmo estados mais afastados do Porto de Itaguaí como o Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul, poderão ter ganhos com o arco, onde esses ganhos poderão alcançar os 2,5% em casos de Estados mais afastados.

A Região do Vale do Paraíba ainda segundo o FIRJAN, atualmente concentra maior parte da produção nacional e poderá obter redução de seus custos logísticos de até 20%, do qual essa região se apresenta como atrativo para a criação de centros logísticos industriais.

O Porto de Itaguaí será considerado um porto de mix de produtos movimentados.

Uma das localidades por onde passa o Arco Metropolitano no município de Itaguaí, no bairro de Brisamar, o qual é o objeto de pesquisa, é um dos locais onde a paisagem foi modificada intensamente para que pudesse suportar toda a construção. Tal mudança gerou desapropriação de famílias, encurtamento de ruas, mudanças nas características do local; além disso, parte das ruas que terminavam na Serra do Mar, hoje ficaram mais distantes dessa paisagem com o arco.

As famílias indenizadas por essa construção não consideraram suficiente à verba indenizatória para a compra de outras propriedades, já que na cidade de Itaguaí, houve um crescimento imobiliário, depois dos empreendimentos que se instalaram nessa localidade como o Porto de Itaguaí, o Porto Sudeste, Usiminas, Construção de Submarino Nuclear pela Marinha do Brasil. Além de em vários pontos até a data de Julho de 2014, moradores serem deixados sem serviços básicos, devido à mudança estrutural do local e obras inacabadas.

Em reportagem do Jornal Atual (Jornal local da Cidade de Itaguaí), podemos acompanhar a seguinte reportagem:

> "Arco Metropolitano: mais problemas
>
> 16/07/2014
>
> **Famílias ficaram isoladas e sem assistência em ruas do Brisamar após as obras**
>
> As obras passaram e o resultado ficou: moradores prejudicados e desamparados. Em Itaguaí, cidade dita como uma das que mais se beneficiariam com o Arco Metropolitano, moradores vivem há anos numa desgastante rotina de transtornos. Desta vez, o ATUAL traz a situação dos moradores das antigas Ruas 10, 11, 12 e 13 no Brisamar. As dificuldades são notadas logo ao tentar acessar o que sobrou da rua 11, que foi praticamente toda desapropriada. Restou somente um trecho do outro lado da pista do Arco. Para chegar ao local, à equipe de reportagem precisou fazer um retorno de seis quilômetros (para ir e para voltar). O que para a equipe foi uma dificuldade, para moradores como a dona de casa Luciana Andrade faz parte do dia a dia. Os poucos residentes que não foram desapropriados vivem hoje em situação de isolamento. Não existem serviços públicos, entrega de correspondências e até mesmo serviço de telefonia no local. "Um dos primeiros advogados do DNIT que nos procurou disse que já havia projetos e que nós não ficaríamos abandonados aqui. Ficamos tranquilos. Só que ainda estamos esperando", lamentou Luciana. Segundo a dona de casa, há cerca de dois meses o estado é de completo isolamento no trecho que restou da Rua 11. "Não temos serviço público nenhum aqui. Não passa caminhão de lixo, o fio de telefone foi arrebentado e a gente também não recebe correspondência", enumera."

## 4. Estudo da Paisagem e o Ensino da Geografia

O Conceito de paisagem tem grande importância para a Geografia e vem sido muito trabalhado e discutido nas últimas décadas.

Segundo PCN's,

> A categoria paisagem, porém, tem um caráter específico para a geografia, distinto daquele utilizado pelo senso comum ou por outros campos do conhecimento. É definida como sendo uma unidade visível do território, que possui identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural, contendo espaços e tempos distintos; o passado e o presente. (PCNs, 1997, p. 11).

Assim, o professor poderá discutir e trabalhar em sala de aula a construção do conceito de paisagem, considerando a interação entre sociedade e natureza, podendo criar várias escalas temporais com a citação de exemplos.

Nos dias atuais o livro didático, tem sido ferramenta essencial para contribuição no ensino, porém o educador não se deve limitar somente nos conceitos abordados no livro didático, devendo estar disposto a contribuir para que o tema abordado seja trabalhado de forma com que o aluno possa compreender o tema com questões incorporadas no dia a dia. Pois o educador dos dias atuais tem vivenciado situações onde o aluno deseja saber cada vez mais sobre o espaço geográfico e consequentemente a paisagem vivenciada por eles.

O Estudo da paisagem em geral tem sido amplamente debatido por diversas ciências, principalmente por geógrafos, arquitetos, urbanistas, procurando compreender sempre a cada dia mais as relações entre o homem e seu entorno.

Uma dos questionamentos existentes no estudo da paisagem geográfica, é a cerca ou não ainda da existência da paisagem natural, onde é comum em livros didáticos, principalmente entre o 6º e o 7º ano, o estudo da paisagem natural e cultural. Sendo a paisagem natural àquela que ainda não foi modificada pela ação humana e a paisagem cultural a paisagem que já sofreu as modificações de ações humanas. Algumas das atividades geralmente realizadas com os alunos é a confecção de cartazes com a diferenciação entre as duas paisagens.

Cabe ao educador questionar-se até que ponto a paisagem realmente ainda não foi tocada pelo homem. Pois o homem adquiriu grande capacidade em modificar e causar transformações na natureza, um exemplo que podemos destacar é uma indústria que pode poluir o local onde está instalada e levar essa poluição para quilômetros de distância. Outro exemplo estaria em estudo que apontam o derretimento das geleiras que aparentemente são paisagens inalteradas pelo homem, mas que vem sofrendo impacto de gases poluentes, causando o derretimento dessas geleiras.

A Geografia como disciplina escolar tem o objetivo de contribuir para a educação e formação dos educandos, na reflexão, compreensão, observação, interpretação, saber e pensar a respeito do espaço geográfico, que é um produto com várias escalas temporais, dos quais revela práticas sociais e alterações espaciais. Sendo justamente nessa alteração espacial que entra a questão da paisagem, pois com o passar de milhões de anos o espaço é alterado, ocorrendo modificações significativas em determinados locais.

Para o desenvolvimento na aprendizagem do ensino da Geografia é essencial o estudo da paisagem, onde se acredita ser importante desenvolver na criação e no adolescente a capacidade de diferenciação e identificação da paisagem em seus elementos históricos, suas práticas sociais e culturais.

Segundo a autora Cavalcanti (2004), o conceito de paisagem é muito importante no ensino da Geografia por trazer uma relação muito próxima com o lugar. Sabendo-se que a partir do lugar inicia-se um entendimento maior do espaço geográfico a ser compreendido.

O lugar mostra a história da população existente em um determinado local, sua história, suas origens culturais, quais os meios de sobrevivência daquele local, se ocorreu interferência da sociedade no determinado local, se ocorreu algum tipo de construção que mudou a dinâmica local. Consideramos então que o lugar tem papel fundamental no estudo e compreensão da paisagem.

É importante fazer com que o educando compreenda que paisagem é algo dinâmico e que está em constante modificação, podendo ser considerada como “o velho no novo e o novo no velho”.

> [...] a escola- espaço privilegiados para educar a intersubjetividade – pode ser também o espaço onde a Geografia supere a disciplinaridade coisificante para se converter na produção de saberes que façam da transformação do espaço vivido o objeto catalisador de pensamentos e ações dos educandos (Rego, 2000, p.8).

Com atividades de reconhecimento do local, de experiência vividas, os alunos vão poder sentir e perceber que as paisagens estão cheias de representações diferentes e que fazem completamente parte de sua vida, só acontecendo no momento em que conseguirem decifrá-las, tentando descobrir o que a paisagem pode querer dizer, revelar.

## 5. Referências Bibliográficas

SOUZA, Marcelo Lopes de. Paisagem. In:_____.Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio – espacial. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil,2013.

http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/representacoes-da-paisagem-426093.shtml - Representação da paisagem. Acesso em 13/04/2014, às 20:48 horas.

Revista Discente Expressões Geográficas, nº 06, ano VI, p. 111 – 131. Florianópolis, junho de 2010. Disponível em: http://www.geograficas.cfh.ufsc.br/arquivo/ed06/ed06_art06.pdf – Acesso em 18/05/2014, às 13:27 horas.

AB'SÁBER, Aziz Nacib. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. Ateliê Editorial. São Paulo, 2003.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo, 1988.

VERDUM, Roberto et al. Paisagem: leituras, significados e transformações. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

EIA-RIMA. Estudo de Impacto Ambiental do Projeto de Implantação do Arco Metropolitano do Rio de Janeiro (BR-493, RJ-109). Junho de 2007. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache: S4cvdQjzdaUJ: www.dnit.gov.br/meio-ambiente/acoes-e-atividades/estudos-ambientais/br-493-rj/br-493-rj.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br – Acesso em 21/10 às 19:21 horas.

http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache: J7ybvct4RWMJ: r1. ufrrj. br/revistaconti/pdfs/2/ART7.pdf+&cd=10&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br - Acesso em 21/10/20141 `as 19:22 horas.

http://jornalatual.com.br/portal/2014/07/16/arco-metropolitano-mais-problemas/ - Acesso em: 15/10/2014 às 22:00 horas.

MACIEL, Ana Beatriz Câmara; MARINHO, Fábio Daniel Pereira. O ESTUDO DA PAISAGEM E O ENSINO DA GEOGRAFIA: BREVES REFLEXÕES PARA DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II - www.geosaberes.ufc.br - Geosaberes, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 55-60, ago./ dez. 2011 – Acesso em: 25/10/2014 – às 16:25 horas.

PUNTEL, Geovanne Aparecida. A PAISAGEM NO ENSINO DA GEOGRAFIA - Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 283-298, jan./jun. 2007 – Acesso em 25/10/2014 às 17:00 horas.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas: Papirus, 2004. 192 p.

REGO, Nelson. Apresentando um pouco do que sejam ambiências e suas relações com a geografia e a educação. In. REGO, N. SUERTGARY, D. HEIDRICH, H. A Geografia e a Educação: geração de ambiências. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000, p 7-9.